

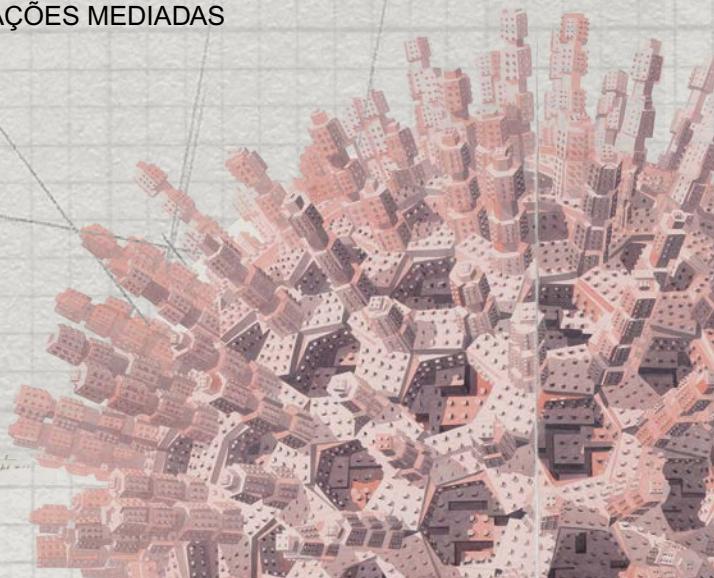
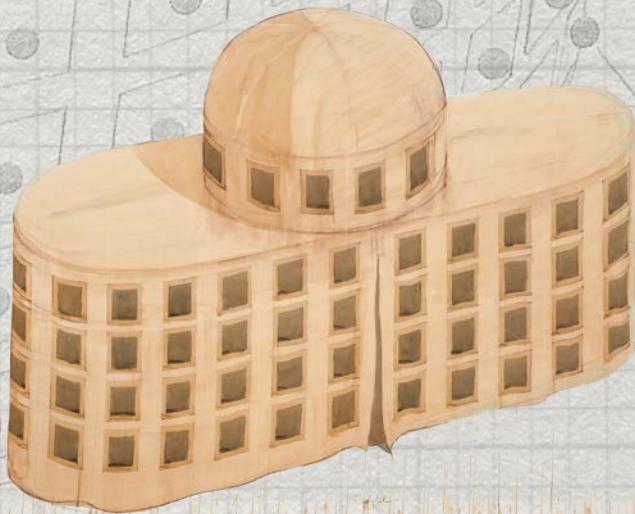
Ministério da Cultura apresenta
Banco do Brasil apresenta e patrocina



objetovital

LOS CARPINTEROS

PROGRAMA CCBB EDUCATIVO
AÇÕES MEDIADAS



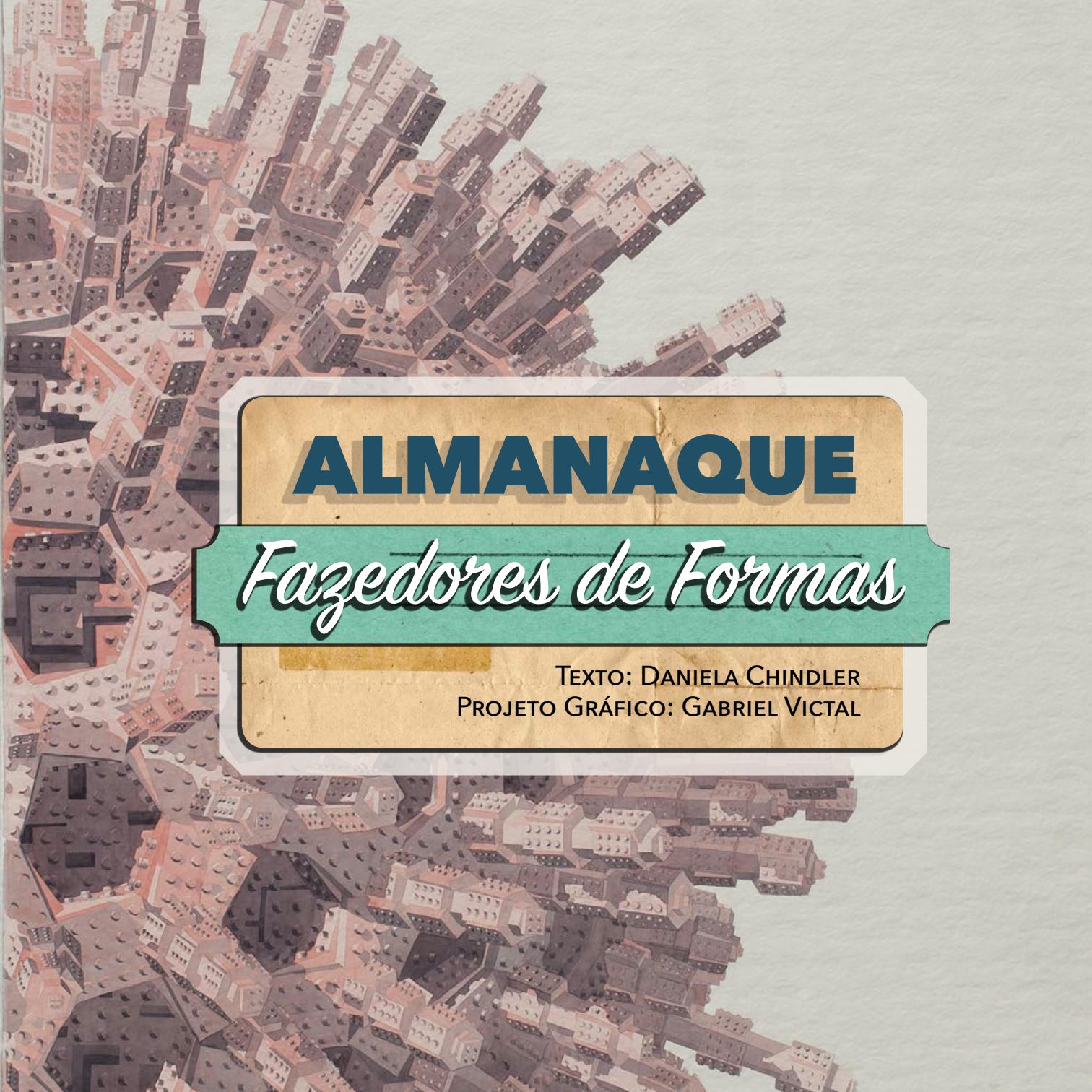


O **Programa CCBB Educativo** apresenta a vocês o Almanaque **Fazedores de Formas** com curiosidades, imagens e informações relacionadas às obras da exposição **Los Carpinteros: Objeto Vital**. A linguagem é contemporânea, como na rede virtual, com textos curtos e hiperlinks.

Nossas páginas mergulham no mar do Caribe e acompanham Los Carpinteros desde seus primeiros passos, trazendo referências à história de Cuba e a sua proposta artística que une pintura e escultura aos fazeres da carpintaria. Depois, seguimos juntos com a produção do coletivo, que vai deixando de assemelhar-se às oficinas de manufatura para ganhar uma textura industrial.

Através de diálogo, questionamentos provocadores e instigação, esta publicação instrumentaliza o público a fazer sua própria leitura da exposição. Venha conhecer estes artistas que estão criando um mundo mobiliado por objetos que têm conexões com coisas que conhecemos, mas não são essas coisas. Um lugar onde camas se abraçam, instrumentos musicais derretem como velas e faróis flutuam no ar.

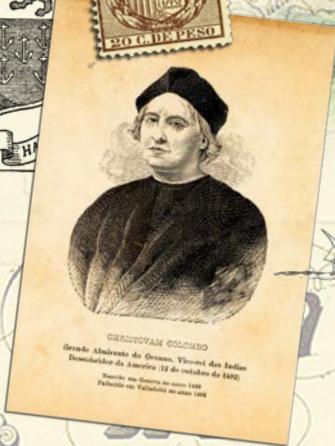
Centro Cultural Banco do Brasil



ALMANAQUE

Fazedores de Formas

TEXTO: DANIELA CHINDLER
PROJETO GRÁFICO: GABRIEL VICTAL

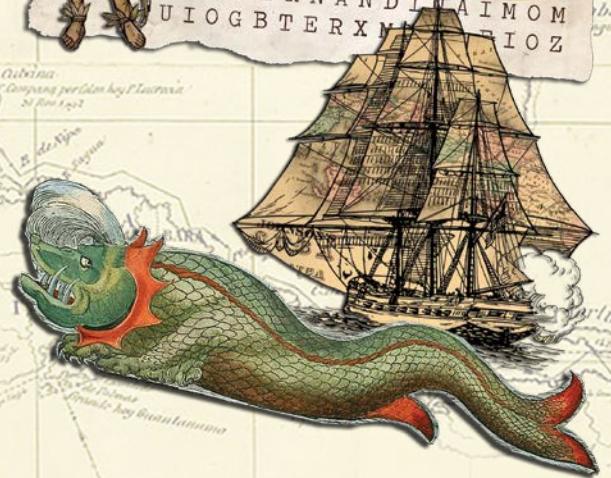
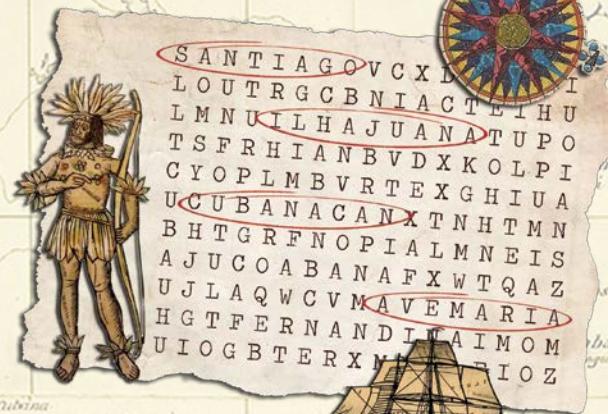


A Europa chega ao paraíso

Cristóvão Colombo foi o primeiro a comprovar o que muitos já suspeitavam: o mundo tinha uma forma esférica, e não plana como antes se pensou. Já não havia o receio de cair da borda da Terra, mas persistiam as histórias fantásticas que amedrontavam os marujos. Colombo queria chegar às Índias navegando pelo Ocidente, enquanto os portugueses tentavam o trajeto contornando a África. O navegante buscou os governos de Gênova e Veneza, assim como o reino de Portugal, mas estes recusaram financiar sua rota. Procurou, então, o rei Fernando V de Aragão e a rainha Isabel I de Castela, na Espanha, que acreditaram na empreitada e cederam uma nau, duas caravelas (Santa Maria, Nina e Pinta), tripulação e mantimentos. Colombo foi nomeado Almirante dos Mares, vice-rei das novas terras, que eventualmente viesse a descobrir na Ásia, e partiu da Espanha no dia 06 de setembro de 1492. Seguindo a luz do sol, as embarcações deixaram o Velho Mundo em direção ao Oeste. Após cinco semanas, chegaram às Bahamas e, logo depois, a Cuba, Haiti e República Dominicana.

Eu a batizo de...

Não sabemos ao certo a origem do nome Cuba, mas muitas histórias existem... Cristóvão Colombo batizou a ilha de Juana, homenageando Juan de Castilla, herdeiro do trono espanhol, mas esse nome não foi escrito nos mapas por muito tempo. A ilha também foi apelidada de Fernandina, Santiago e Ave-Maria. O curioso é que o nome que permaneceu, Cuba, vem da língua dos povos nativos, que não sobreviveram aos colonizadores espanhóis. Talvez a palavra pertença ao idioma dos índios taínos: *cubao* (onde a terra fértil abunda), ou venha da junção de duas palavras do mesmo povo: *coa* (lugar) e *bana* (amplo), formando *coabana*. Colombo ouviu os habitantes nativos das Bahamas referindo-se a *Cubanacán* como uma grande ilha ao sul.



Terra de Espanha

Cuba foi colônia espanhola por quase 400 anos. Diego Velázquez liderou a conquista e a colonização europeia da ilha alguns anos depois de Cristóvão Colombo ter anunciado a existência da *terra mais bela que olhos humanos já avistaram*, e o domínio espanhol permaneceu até 1898.



Si meche tierra de Cuba
meche tierra de Cuba



O centro do vento

Forças malignas tomavam a forma de ventos, com poderes de destruição aterradores, que sopravam de todos os quatro cantos da terra. *Hur* (vento) + *Ca'n* (centro), o centro do vento na língua indígena. Essa é a origem da palavra *huracan* em espanhol, de *hurricane* em inglês e de furacão para nós. As tempestades tropicais traziam os furacões e tornados que, desde sempre, assolaram a ilha. Os taínos tinham uma deusa furiosa, o nome dela não era Katrina, mas *Guabancex* (Gwa-ban-seh), a dominadora dos ventos. As peças geométricas de plástico, no desenho, não estão encaixadas de maneira que formem uma estrutura estável. Os "dentes" das peças estão à vista. **Tornado II** é uma construção que parece instável e frágil. A obra brinca com a ambiguidade entre oscilação, construção e destruição.

As entidades atravessam o Atlântico

Vieram os europeus, que depois arrancaram da África os negros acompanhados de seus deuses. Da região onde se situam Angola, Congo e Moçambique, chegaram os antecedentes, os bisavós da rumba cubana. Existem várias formas de dançar a rumba, como a *Yuka* que imita o namoro dos galos e das galinhas. As mulheres vestem saias com longos babados, que representam as penas do rabo da galinha, e as camisas dos homens têm babados nas mangas como a crista do galo.

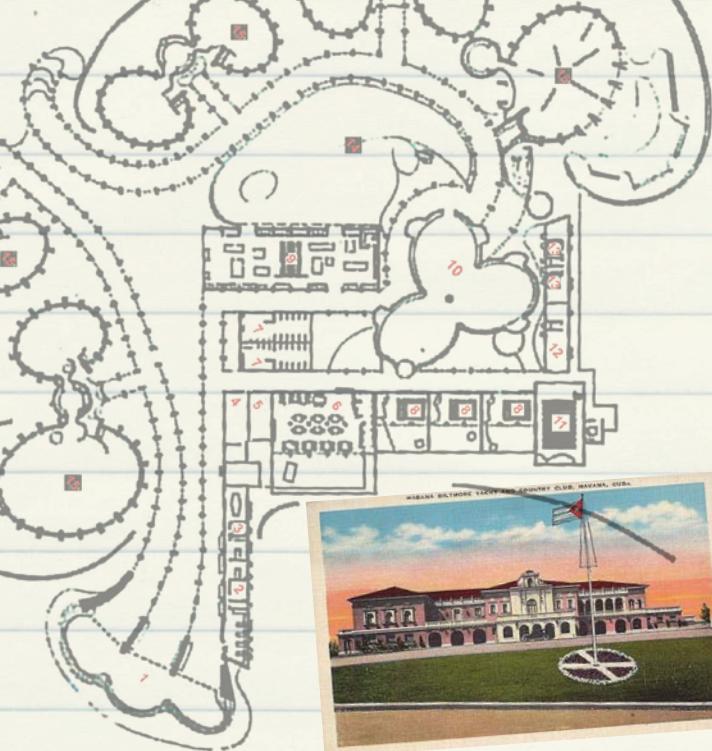
Algumas danças sofreram influência da cultura dos lorubás (etnia que formou a Santería, crença cubana). Como acontece no Candomblé, no Brasil, cada entidade tem uma oração corporal. A roda dançada em sentido anti-horário simboliza a volta ao passado, a ancestralidade. Imitando seus gestos, os orixás são louvados. O orixá conta ao público seus feitos, redistribuindo sua energia vital e trazendo o sagrado de volta ao mundo cotidiano. Iemanjá possui movimentos ondulados como as ondas do mar, algumas vezes calmas e outras, bravas. A dança inspirada na crença de Xangô tem movimentos que mostram sua força e sensualidade.



Soam os tambores

Autorizados por seus amos espanhóis, em datas religiosas como Corpus Christi e Dia de Reis, os negros africanos desfrutavam de 24 horas, nas quais lhes era permitido recriar os cantos e bailes de suas terras e se divertir nas ruas de Havana, Santiago e dos povoados em uma liberdade transitória. Assim, nasceu a Conga ao som dos tambores.





Sonho e realidade

O projeto previa um conjunto de cinco escolas: música, balé, teatro, dança e artes plásticas, mas apenas duas foram concluídas. Os espaços da Escola de Artes Plásticas foram organizados para que funcionassem como uma pequena comunidade de ofícios. A distribuição das cúpulas em torno de uma praça lembra o desenho de aldeias africanas. As linhas curvas da planta, que predominam sobre os ângulos retos, evocam a sensualidade da cultura cubana. Mas nem sempre os ventos sopram a favor. Durante a construção dessas escolas, a forma de pensar do governo mudou. Uma casa passou a ser vista apenas como um abrigo, e não mais como um sonho. A arquitetura, agora, deveria ser prática, a beleza da construção não era mais o objetivo. O desenho original do ISA nunca foi concluído.

Túnel do tempo

Na década de 1910, foi construído o *Country Club* de Havana. Era um lugar reservado apenas para os que tinham dinheiro e poder, onde se jogava golfe, tênis, montava-se a cavalo, e a grande maioria dos sócios era estrangeira. A proposta de uma "cidade das artes", justamente nesse terreno, nasceu junto com a vitória da revolução incentivada por Fidel Castro e Che Guevara. Lá foi criada, em 1962, a Escola Nacional de Arte e, 14 anos depois, o Instituto Superior de Arte-ISA. Foi nessa universidade que três jovens, nascidos em povoados pobres, conheceram-se, ficaram amigos e estudaram arte.

Fortuna

Na mitologia grega, Tique era a divindade que governava a prosperidade e o destino de uma cidade. Os romanos a chamaram de Fortuna. É do filósofo Petrônio a frase "O dado cai de acordo com a decisão da deusa Fortuna". A expressão "a fortuna lhe sorriu" significa boa sorte.



Entrando na cena

Quando **Dagoberto Rodríguez, Alexandre Arrechea e Marco Castillo** começaram a trabalhar juntos nos ateliês da ISA, Cuba passava por sua pior crise econômica: de um lado, *el bloqueo*, o embargo dos Estados Unidos que proibia o comércio com o país; de outro, a perda do apoio financeiro da União Soviética. Os cubanos viviam com o básico, e o material disponível era apenas o mais barato e prático, porém havia as mansões abandonadas, deixadas para trás pelas famílias abastadas que fugiram do país no início da revolução. Não é por acaso que a primeira exposição, que reúne trabalhos produzidos pelo trio na universidade, tem o título de **Havana Interior**.



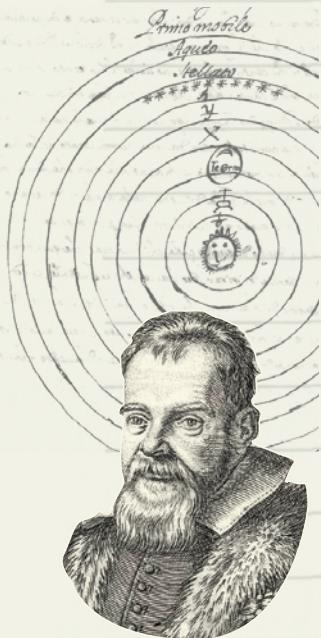
Os artistas saíam das casas no entorno do ISA com partes de portas lindíssimas, peças de mármore, pedaços de bronze, temática... O material e a história das obras vieram desse mundo que os fascinava. Marco Castillo conta *Entrávamos nessas casas não apenas como ladrões, mas sobretudo como arqueólogos sociais*. O projeto de conclusão da faculdade tinha um sabor quase neocolonial, antropológico. *Para resolver nossos problemas do presente e do futuro, o que fizemos foi avançar para trás*. As peças de mobília serviam de molduras para as pinturas. Dentro das telas, os três artistas eram os protagonistas das aventuras.

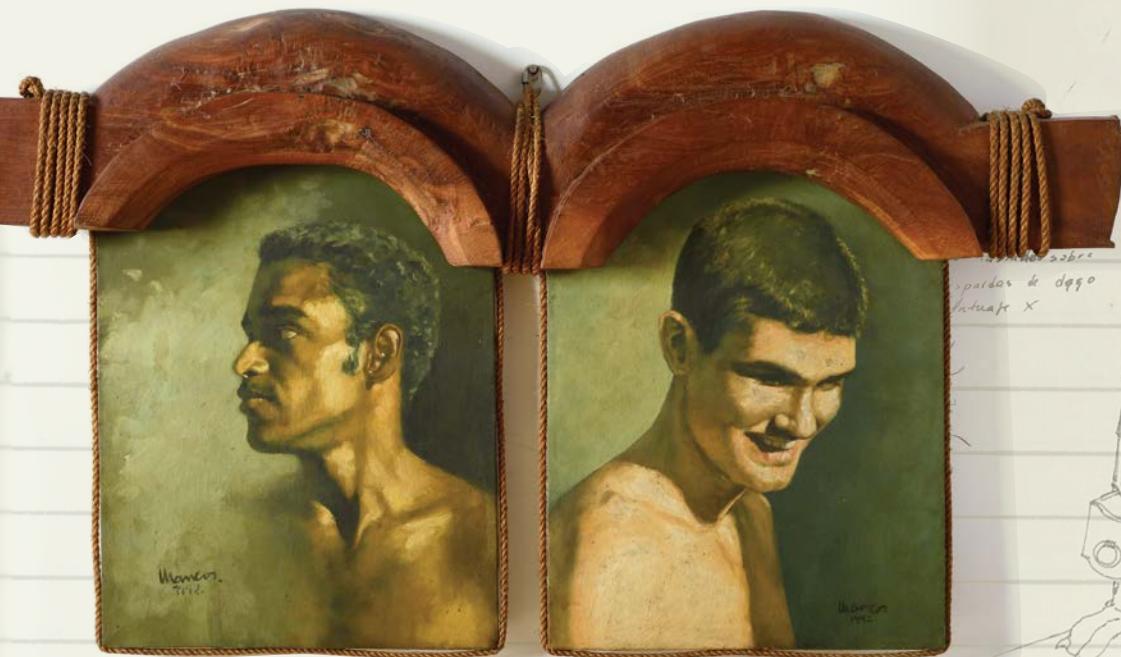
Escutem a história que estamos contando

No projeto de conclusão da faculdade, em 1994, os estudantes Marco, Alexandre e Dagoberto leram uma carta que teria sido escrita por um suposto colecionador de arte cubano que vivia nos Estados Unidos, aparentemente interessado em suas obras. Apesar de algumas pessoas terem acreditado que o documento era autêntico, o colecionador de Miami não passava de um personagem criado pelos artistas. Era uma simulação. O que estavam dizendo é que arte é ficção, embora uma pintura possa parecer real, ela será sempre uma pintura. Nesse texto, estavam expostas as bases da proposta artística do coletivo que formavam.

A Terra se move

As cinco obras apresentadas no projeto da faculdade falam do passado colonial como uma crônica visual. São peças de grande tamanho, em que as pesadas molduras em madeira deixam de ser apenas suportes e tornam-se parte da obra. O estilo remete à pintura acadêmica, que tanto agradava a aristocracia, mas ironicamente o grupo "joga dinamite" (expressão usada pelos próprios artistas) nessa visão europeia da história. No texto da carta, fazem referência ao físico e astrônomo do século XVI, Galileu, que, intimado pelo Tribunal do Santo Ofício, teve que desmentir que o Sol estava no centro do mundo e imóvel, assim como a Terra não estava no centro, mas se movia. Ou Galileu assim o fazia ou seria declarado herege e morto na fogueira da Inquisição, mas, depois de julgado, conta a lenda, o sábio teria murmurado sarcasticamente: *Eppur si muove*.





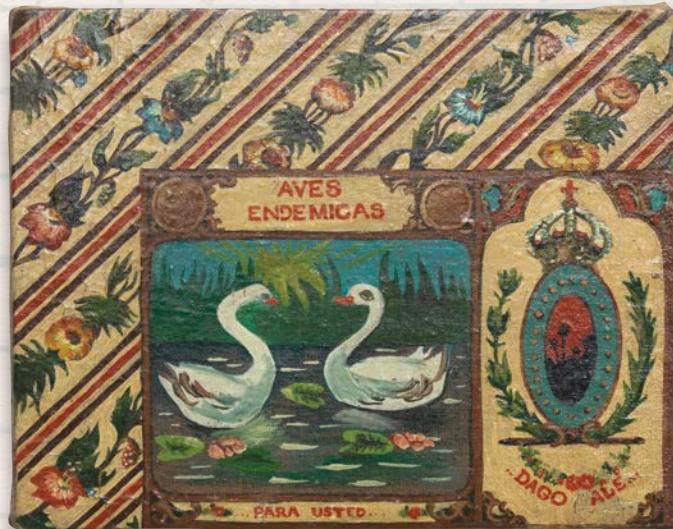
A canga é leve, mas o fardo é outra história...

Dagoberto conta: *inventamos uma maneira de trabalhar no início dos anos 1990. A missão era nos salvar. Sobreviver como seres humanos e depois como artistas.* Em espanhol, chamam de *Yunta* dois amigos próximos. Alex Arrechea e Dagoberto Rodríguez são retratados por Marco Castillo e emoldurados por uma canga (ou junta), uma peça em madeira que une dois bois para o trabalho. O retrato é realista, como nas pinturas clássicas, mas a pincelada é aparente, no estilo das pinturas modernas. O negro e o branco carregam pesos aparentemente iguais, mas a cor da pele nos conta duas histórias diferentes.

Procure na galeria a obra **Marquilla Cigarrera Cubana**. Nessa pintura, que usa a técnica renascentista, a perspectiva profunda, enganando os olhos, dá a sensação de adentrar no cenário: a galeria de pintura de um dos maiores museus do mundo, o Hermitage, instalado dentro de um palácio russo. Alexandre Arrechea está em primeiro plano, inserindo a figura do negro como protagonista da cena na História da Arte.

Quando a fábrica é galeria

Antes de começarem a trabalhar com Marco, Alexandre e Dago fizeram uma exposição em uma fábrica de tabaco Partagás de Havana. Era o ano de 1991 e o dia do nascimento de José Martí. Havia uma mesa de desenho superdimensionada para que nela o leitor da tabacaria lesse de novo o discurso em que o herói José Martí convocou os tabaqueiros, em 1891, para a luta pela independência. O convite dessa exposição **Para usted** (para você) era uma gravura inspirada em uma estampa de charutos. É nesse rótulo que é inspirado o diálogo *Alê, perdi tudo para o jogo. - Como? - Menos uma coisa. - Qual coisa? - A vontade de voltar a jogar*, quase idêntico ao que estaria na obra **Marquilla Cigarrera Cubana**, de 1994.



Romeu e Julieta

Numa época em que não existia o rádio, nas fábricas de charuto surgiu um personagem singular: o leitor. Enquanto os trabalhadores estavam ocupados cortando e enrolando as folhas de tabaco, o leitor ficava em uma tribuna ou em uma mesa mais alta e, com boa dicção, lia, pausadamente para que todos pudessem entender, jornais e romances. A criação de algumas grandes marcas se deve aos livros declamados. O *Conde de Montecristo* virou a marca Montecristo. Do romance homônimo de William Shakespeare, surgiu *Romeo y Julieta* e até o clássico *Don Quixote*, de Cervantes, foi imortalizado pela marca Sancho Panza.



Vontade de jogar

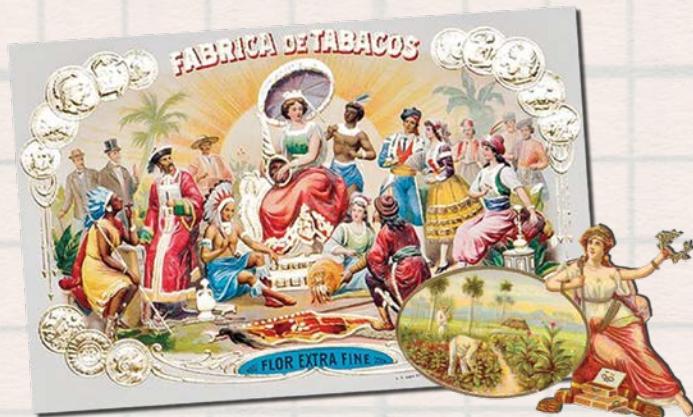
...Temos feito da criação um jogo, e para esta clássica tentação - característica do meio - temos uma só resposta: nosso estilo operacional, que transforma os problemas da produção artística em mera diversão e que utilizamos como energia intuitiva na construção de nossas ideias. É por isso que no início acreditamos ter perdido o jogo, e não temos ideia de quando possa acabar (...). O que nos interessa na realidade é o jogo, sem importar quanto se perde nele e quão arriscado e instável é esse tipo de jogo. Em todo caso, se acaba, começa outro. A morte do jogo não é ruim. Pior seria perder a vontade de jogar!

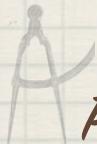
O resultado não é matemático

O artista contemporâneo sul-africano William Kentridge elegeu a Fortuna como um dos princípios de sua obra. Para ele, as imagens estão sempre em construção e são produtos de um jogo que envolve tanto os planos quanto a sorte.

Estampas coloridas

A litogravura é um tipo de gravura que utiliza uma base de pedra calcária e lápis oleoso, criando uma matriz que pode gerar várias cópias do desenho original. As estampas protegiam os fabricantes de charutos cubanos contra a falsificação, e os desenhos coloridos eram um chamariz, com figuras femininas, índios e estrangeiros em roupas exóticas, além de moedas de ouro. Havia também caixas com ilustrações de crônicas da vida cotidiana que traziam comentários críticos e bem-humorados.





Peixes desenhados em Roma

Os primeiros cristãos em Roma foram perseguidos e, por isso, desenhavam um peixe como um símbolo, um código para identificarem, em segurança, quem eram seus irmãos de fé. Peixe em, grego, escreve-se ΙΧΘΥΣ, que no alfabeto latino fica ICHTHYS.

- Iesous (Jesus)
- CHristus (Cristo)
- THEou (Deus)
- HYiós (Filho)
- Soter (Salvador)



ICHTHYS forma um *acrônimo da frase *Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador*.

*Acrônimo - palavra formada pelas letras ou sílabas iniciais de outras palavras. Exemplo OVNI (Objeto Voador Não Identificado) e NASA (*National Aeronautics and Space Administration*).

Assinatura na madeira

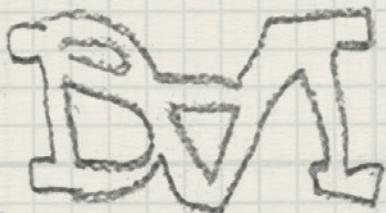
A partir de 1637, em Paris, os carpinteiros passaram a identificar seus móveis com um selo. Essas "assinaturas" em baixo relevo eram marcadas por ferro quente e tinham comumente as iniciais do mestre artesão em letras maiúsculas. Os aspirantes ao ofício começavam como aprendizes em uma oficina de marcenaria e trabalhariam por vários anos. Para tornarem-se mestres, os artesãos precisavam apresentar sua melhor peça a uma comissão de jurados. Os trabalhos eram avaliados, e os aprovados recebiam um selo com as letras **JME** (*juré maîtres ébénistes*).



JME



Um por todos e todos por um

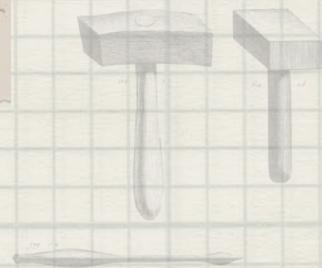


MAD, acrônimo formado pelas iniciais dos artistas **M**arco, **A**lexandre e **D**agoberto. Na tela, apenas essas três letras maiúsculas aparecem no lugar da assinatura. A marca desenhada lembra os selos em relevo das antigas oficinas de marcenaria.



Los Carpinteros

À maneira das antigas oficinas de artesãos, os jovens Marco, Alexandre e Dagoberto trabalham juntos em exercícios de classe e encontram na figura do artista e pedagogo, René Francisco Rodríguez, um mestre. Pelo uso constante da madeira em suas obras, recebem dos colegas o apelido de "Carpinteiros", que afinal lhes caiu muito bem, pois o trio investigava a maneira como a arte é feita e os objetos são fabricados. Nesses primeiros trabalhos, é possível sentir as texturas vivas das peças, feitas com as ferramentas da marcenaria. Havia uma identificação com as associações de trabalhadores de tabaco, da cana-de-açúcar e com os próprios carpinteiros. Os artistas abandonam o acrônimo MAD. Não tem mais Marco, Alexandre e Dago. Não há mais indivíduo, somente o coletivo.



“Os desenhos são como cartas que escrevemos uns aos outros”



A aquarela é nosso painel de debate. Quando começamos, não existiam nem a internet, nem o Google. Fizemos com as aquarelas um blog de notas, lá estão as conversas que estamos tendo; as pontes e rupturas podem ser vistas através delas.

Dagoberto Rodríguez

Água que escorre...

Aquarela é uma técnica de pintura sobre papel, em que as tintas são diluídas em água, dando um efeito de transparência e permitindo que o papel brilhe através dela. É necessário precisão na utilização da aguada para evitar escorrimentos. Em alguns desenhos, como **Focsa** (2002) e **Capitolio** (2000), os artistas deixam marcada a tinta escorrendo.

"Focsa"



Dürer

Albrecht Dürer, prodigioso desenhista do Renascimento alemão, nascido no final do século XV, pintou, com pigmentos solúveis em água sobre papel, plantas e animais com extrema precisão, como nas aguadas *A jovem lebre* (1502) e *O Grande tufo de ervas* (1503). A aquarela permitia a ele trabalhar relativamente rápido, aplicando camadas de tinta diluída sem ter que esperar muito para que as tintas secassem, como na pintura a óleo, e concentrar-se nas cores e texturas. O artista executa o desenho *Asa de um Blaurake* (1512) com o olhar rigoroso de um biólogo. A asa do pássaro deve ter servido de modelo para as asas de anjo de suas gravuras. O acrônimo MAD, primeira assinatura do coletivo, segundo Dagoberto, *parecia uma assinatura de Albrecht Dürer, o gravador alemão. Era um círculo com um D, um M e um A ao contrário. Uma espécie de logo de confraria ou sociedade secreta.*

Muitos artistas realizam seus sketches com lápis. Cada um o faz por motivos diferentes. Para nós, os desenhos (que nem sempre foram aquarelas) são uma ferramenta de comunicação. Somos um coletivo que se une por motivos conceituais, e não para que um dê as pinceladas e outro as marteladas. Às vezes, o diálogo surge a partir do desenho que um de nós produz. Ou vice-versa, os diálogos geram outro desenho. Os desenhos são como cartas que escrevemos uns aos outros.

Marco Castillo



Sem pontos cardeais

Os desenhos do coletivo normalmente situam um objeto em um fundo vazio, como se flutuassem na atmosfera, dando um peso à figura. Os faróis são um motivo recorrente na obra dos Carpinteros e, como as demais construções desenhadas, pairam no ar. Impedidos de sinalizar aos marinheiros a proximidade de terra firme e orientar os navegantes a um porto seguro, esses faróis desorientam.

Relógios de sol que não funcionam

As sombras são a única característica das aquarelas que poderiam revelar algo a respeito do tempo e do espaço em que os objetos se inserem. Elas incidem em diferentes direções, mas nunca indicam a fonte de luz e a hora do dia, nem oferecem pistas que permitam ao observador encontrar particularidades daquele lugar. Assim, curiosamente, as sombras que no mundo real marcam a posição do sol, nos desenhos do coletivo, reforçam a qualidade atemporal e dão uma profunda qualidade de vazio. Que horas são? - Ninguém sabe. Um observador atento também perceberá que celulares, televisões e computadores não estão na lista de objetos dos artistas. Isso porque artigos elétricos e do universo tecnológico nos dariam indicações da época.



Vazios

Nesses desenhos, não circulam pessoas. É um universo apenas com objetos, como se todos os aspectos de humanidade tivessem sido apagados.

Inventário do mundo

Vestido para falar com Deus

O artista Arthur Bispo do Rosário, que viveu mais de 40 anos na Colônia Juliano Moreira, dizia ouvir vozes que impuseram a tarefa de produzir um inventário do mundo para o dia do Juízo Final. Utilizando utensílios encontrados em seu dia a dia, como canecas, garrafas de plástico, colheres, caixas de fruta, botões, calçados e materiais comprados por pessoas amigas, ele produz seus objetos. Também tece estandartes e faixas em que borda desenhos, nomes de pessoas e lugares, frases com notícias de jornal ou passagens bíblicas. Para os bordados, Bispo do Rosário usa os tecidos de lençóis ou roupas e consegue os fios desfiando o uniforme azul de interno da Colônia. No Juízo Final, se apresentaria a Deus, como representante dos homens e das coisas existentes, vestindo um manto por ele bordado.

Falso livro de notas

Os desenhos dos Carpinteros representam objetos que têm conexões com coisas que reconhecemos no mundo, mas não são essas coisas. São um falso livro de contas que supostamente mostram como edifícios e objetos eram utilizados no século XX. Se as aquarelas fossem reunidas em um almanaque e encontradas no futuro, os desenhos poderiam, por fim, servir a seu propósito: atuar como vestígios da vida e das coisas de nosso tempo.



Figuras impossíveis

Embora alguns desenhos dos artistas pareçam projetados com as mais minuciosas indicações para sua construção, incluindo materiais e cores, muitas figuras só podem existir no papel, em suporte bidimensional. Penrose, matemático e físico inglês, criou formas geométricas que só podem existir no desenho e são impossíveis de serem construídas. O artista holandês M. C. Escher, na gravura *Subindo e Descendo*, utiliza a Escada de Penrose onde o degrau mais alto é, ao mesmo tempo, o degrau mais baixo. Na litografia *Belvedere*, ele brinca com um personagem que procura desvendar um cubo impossível.





*Amamos a Marcel.
Mas Marcel não nos ama.
Está morto - não pode fazê-lo.*

Alexandre Arrechea

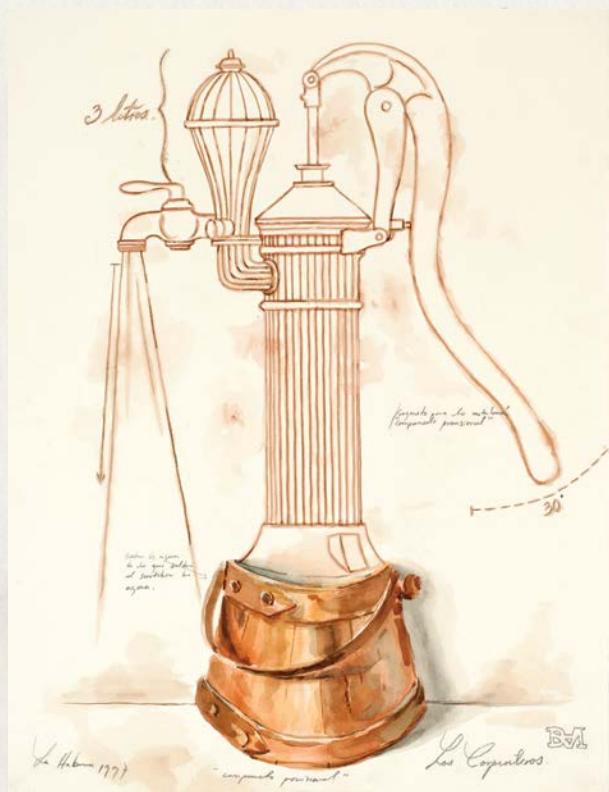


A que propósito serve?

Eu não sou aquilo para o que parece que eu fui feito. Se pudessem falar, os objetos de Los Carpinteros diriam isso.



Objeto pronto



Em 1917, com o pseudônimo de R. Mutt, o artista francês Marcel Duchamp inscreveu um mictório, como os que são comuns em banheiros masculinos, para um salão de artes. O urinol, que tinha o sugestivo nome de *Fonte*, estava virado ao contrário e assinado. A obra foi rechaçada pelo júri, mas ali começava uma nova etapa da História da Arte. *Se o senhor Mutt fez ou não a Fonte com suas próprias mãos não tem importância. Ele a ESCOLHEU. Pegou um artigo ordinário da vida, o dispôs de tal modo que sua significação utilitária desapareceu sob os novos títulos e ponto de vista - criou um pensamento para aquele objeto.* Duchamp batizou as obras *Fonte*, *Roda de Bicicleta* (uma roda de bicicleta montada sobre um banquinho) e outros objetos inventados por ele utilizando artigos da vida cotidiana fabricados em massa e deslocados para o campo das artes de *Ready Made*; *Objetos Prontos*.



Latas de sopa e garrafas de refrigerante

A Arte Pop (*Pop Art*), movimento artístico do século XX, utilizava imagens do dia a dia em oposição à cultura elitizada das Belas-Artes. Se antes reinava o gosto da nobreza e da alta burguesia, agora os produtos que estavam nas prateleiras do supermercado, as imagens nos anúncios dos jornais e nas revistas em quadrinhos eram exibidos nas galerias dos museus.

Meu tio Andy

James Warhola, sobrinho de Andy Warhol, escreveu: *O tio Andy pensava que todas as coisas eram, de uma forma ou de outra, obras. Por isso, sua casa era tão fantástica. Cada um dos seus quartos estava abarrotado de todo o tipo de objetos estupendos. (...) O tio Andy não parava de trabalhar e nos encantava vê-lo pintar em seu estúdio. Convertia as coisas mais sem graça em obras de arte: uma lata de sopa, uma garrafa de refrigerante, um bilhete (...) E mamãe sempre preocupada com a ordem dizia: 'Por Deus, Andy, não seria melhor jogar fora tudo?' Horrorizado, o tio Andy respondia: 'Não, mas isso é arte! São todas peças de grande valor.' A verdade é que mamãe não entendia nada de arte.*

Tempos modernos

Aos poucos, a produção do coletivo Los Carpinteros vai deixando de lembrar as oficinas de carpintaria para ganhar uma textura industrial.

Carrinho de supermercado-lixadeira

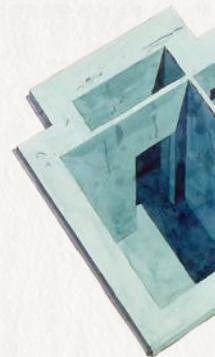
O guarda-chuva protege da chuva. O porta-malas armazena bagagens. A alteração da forma do carrinho de supermercado desencadeia questões. O que consumimos? Quanto descartamos?

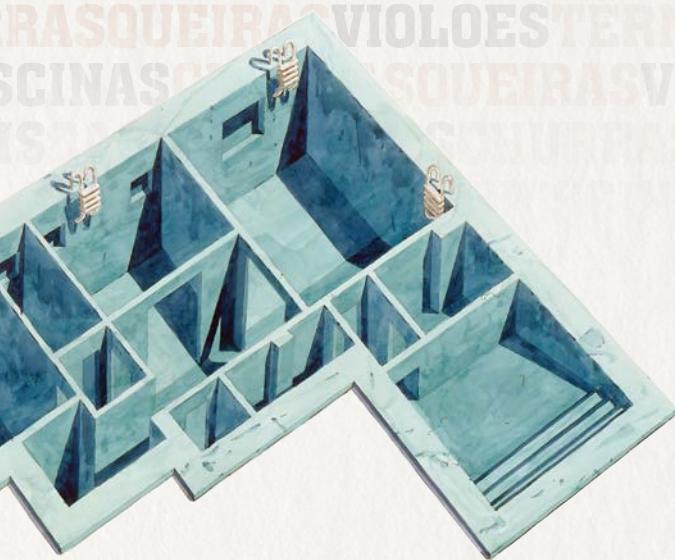


A repetição é a alma do jogo

*Tudo à perfeição talvez se aplainasse
se uma segunda chance nos restasse.*

As crianças agem segundo este verso de Goethe. Nada as faz mais felizes do que o “de novo”. Para elas, porém, não bastam duas vezes, mas sim sempre de novo, centenas e milhares de vezes. A repetição é a alma do jogo. O filósofo Walter Benjamin diz que toda experiência mais profunda deseja insaciavelmente, até o final das coisas, repetição e retorno.





“Utilizamos as piscinas como pastas de dentes.”

As piscinas aparecem repetidamente - nas aquarelas, esculturas, instalações -, mas não exatamente com a mesma frequência com que utilizamos o dentífrico no nosso cotidiano: três vezes ao dia, após as refeições. Os artistas brincam com as palavras como fazem com as figuras... Los Carpinteros seguem repetindo inúmeras vezes o objeto até que ele perca seu sentido e passe a ser apenas tímida lembrança do mundo real. A qualidade da imagem da piscina é redimensionada, tornando-se escultura.

Objeto dono de si mesmo

Os objetos de Los Carpinteros adquirem vida e vontade própria, derretem-se, torcem-se. Os materiais parecem adquirir mobilidade, respirar e transformar-se biologicamente. Seja uma estante que se contrai ou expande como um músculo, um instrumento musical que se derrete, um móvel que engorda e experimenta funções metabólicas; em quaisquer desses casos, a matéria se torna um objeto animado.

Pra que lado devo ir?

Quando acordei hoje de manhã, eu sabia quem eu era, mas acho que já mudei muitas vezes desde então. Alice no País das Maravilhas. Na aquarela **No Estamos Solos**, uma cama é refletida em uma sala de espelhos, multiplicada ao infinito. No universo de Los Carpinteros, camas são montanha-russa e autoestrada, estendendo e contorcendo seu corpo-colchão. Nesse país das maravilhas, camas de solteiro entrelaçam-se (como na obra **Dos Camas**), formando um duo inseparável.





Fases sonoras

O corpo do violão, sua caixa acústica, tem uma abertura para aumentar e definir a qualidade e o volume do som produzido. Ela pode ter diferentes formatos, como o redondo, em meia-lua, em quadrados, em retângulos, em forma de letras (C, F, S etc.). O trio cubano escolheu o formato das quatro fases da lua para a caixa acústica - minguante, nova, cheia e crescente. A lua, companhia de poetas e músicos, filtra diferentes frequências das cordas no corpo do violão.

Rebobinando

Na performance **Conga Irreversible**, de Los Carpinteros, o público vê o desfile do Carnaval, mas ao revés. Os foliões vestidos de preto (os trajes perderam a cor) se movimentam de costas, conduzidos como um filme sendo rebobinado, através de letra e melodia cantadas também de trás para frente. Os artistas contemporâneos ressignificam as tradições, propondo um novo significado. Seria a história recontada?

Como velas

Instrumentos de percussão, sopro e cordas utilizam diferentes materiais em sua construção. Considerados como os mais antigos, os instrumentos feitos de madeira necessitam de ceras e vernizes para garantir sua preservação. Os feitos com pele precisam de cuidados especiais e periodicamente são colocados ao sol ou ao lado de uma fogueira, garantindo assim o calor necessário para que a pele se mantenha esticada. Com a substituição dos materiais vegetal e animal por metais e materiais sintéticos, temos uma grande quantidade de instrumentos que mantêm semelhanças com sua forma e seus sons originais, mas são feitos de resinas e fibras derivadas do carbono. Mas não paramos por aí. Atualmente, como se tudo fosse dissolvido e derretesse num líquido disforme, surgiram instrumentos virtuais, que não são constituídos de materiais concretos, que não possuem forma, embora produzam sons semelhantes aos dos originais a partir de mínimos impulsos elétricos que acionam diretamente os alto-falantes.



Melodia

Los Carpinteros encerram a música e o calor da dança, desfazendo o **Cuarteto**. Os instrumentos rígidos e resistentes derretem em matéria fluida e abstrata. Um líquido melado se espalha pelo chão, destacando suas cores prata, vermelho e preto.

Aparelhos de ideias

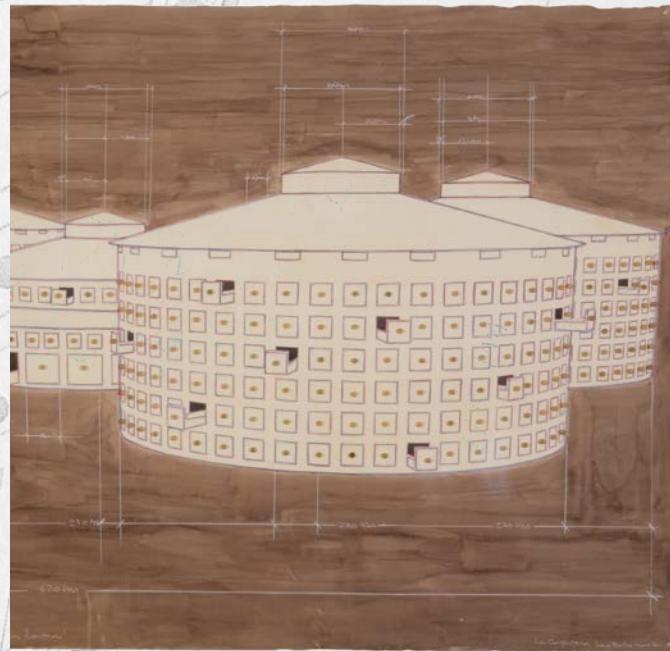
Os prédios gêmeos Rosita e Riomar eram um hotel residencial na cidade de Miramar. Eles pertenciam ao político e magnata das comunicações, Alfredo Hornedo. Após a revolução cubana, tentou-se remover os residentes para outras moradias, mas muitos discordaram e permaneceram. Boa parte dos apartamentos foi usada pelo novo governo. Os prédios passaram a chamar-se Sierra Maestra, uma homenagem à serra em que os guerrilheiros se instalaram, em 1957, e fizeram transmissões de rádio, divulgando as propostas da revolução socialista para tomar Havana. Sem manutenção ao longo de 50 anos, Sierra Maestra deteriorou-se. Los Carpinteros substituem as janelas do prédio por alto-falantes. No dia a dia, os vidros das janelas estão entre a vida privada e a vida pública, entre a rua e o pessoal. Ao substituir as janelas, o coletivo abafa a voz das ruas e cria um aparelho de som potente que transmite e amplifica ideias pessoais na esfera pública.

A torre da incompreensão

Toda a Terra tinha uma só língua e as mesmas palavras.

Babel é o nome da torre que os homens construíram para desafiar Deus, que os castigou fazendo-os falar diferentes idiomas. A obra do brasileiro Cildo Meireles repercute no trabalho de Los Carpinteros. A *Babel* do artista brasileiro é uma torre de rádios de segunda mão sintonizados em transmissões do mundo todo. O volume das transmissões é baixo, então as diferentes estações se sobrepõem em um murmúrio indistinguível.





Panóptico: pan (todos) + óptico (visão)

O desenho de Los Carpinteros é um projeto para o já existente Presidio Modelo, construído em 1926, em Cuba, durante o governo militar do general Gerardo Machado. As celas são dispostas circularmente e observadas a partir de uma torre central: os prisioneiros são constantemente vigiados pelo guarda. O coletivo de artistas interfere na arquitetura, colocando gavetas no lugar das celas, como se guardassem pessoas. O verbo "guardar" pode significar tanto cuidar quanto vigiar.



O que vemos, o que pode ser visto...

A obra ***Celosia Poliédrica Flotante*** traz uma formação que é, ao mesmo tempo, orgânica e concreta. Celósia é uma planta popularmente conhecida como crista-de-galo. Em espanhol, a palavra está ligada à arquitetura, uma divisória que fecha parcialmente os ambientes, possibilitando que quem está dentro tenha visão total do lado externo, porém preservando sua intimidade. No mundo árabe, os muxarabis protegiam as mulheres dos olhares masculinos. Em Jaipur, a “Cidade Rosa” indiana, onde as construções têm um tom avermelhado, existe o Palácio dos Ventos. Sua fachada de 953 janelas, construídas por ordem de um marajá, tinham a finalidade de permitir que as mulheres do harém observassem o movimento da rua sem serem percebidas. No Brasil, o cobogó é utilizado para delimitar os ambientes sem perder o vento fresco que passa por suas frestas. A aquarela transmite uma sensação claustrofóbica; nela, os elementos modulares que se repetem, como se fossem parte de uma fachada, evocam a arquitetura, mas também se assemelham a um vegetal em crescimento.

Cidades transportáveis

Dez tendas, ao estilo de barracas de *camping*, navegam nômades pelo mapa. Dez prédios que representariam a estrutura básica para o funcionamento de uma cidade – a igreja, a fábrica, o edifício militar, o armazém, o prédio residencial, o hospital, a prisão, o edifício do governo, a universidade e o farol – viajam de Havana para Nova York, Los Angeles, Honolulu, Xangai, São Paulo, Brasília, Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Quem parte carrega a cidade e uma história consigo. Los Carpinteros experimentam a globalização, a transterritorialidade do homem contemporâneo. Agora se fala para além da ilha, para o mundo.



ÍNDICE DE OBRAS

- p.1 - *Pólen Rojo***, 2016, (detalhe). Aquarela sobre papel, díptico, 200 x 226 cm. © Los Carpinteros.
- p.3 - *For sale*** (o Se Vende Tierra de Cuba), 1996. Aquarela sobre papel, 25 x 76 cm. Cortesia Cisneros Fontanals Art Foundation com obras da coleção Ella Fontanals-Cisneros. © Los Carpinteros.
- p.4 - *Tomado II***, 2011. Aquarela sobre papel, 199.5 x 114 cm. Coleção Andréa e José Olympio Pereira, São Paulo, Galeria Fortes Vilaça. © Los Carpinteros.
- p.5 - *Nueve Tambores Cuadrados***, 2011, (detalhe). Aquarela sobre papel, 66.3 x 102 cm. Cortesia UBS Art Collection. © Los Carpinteros.
- p.7 - *La nieve***, 1994. Madeira entalhada, 96 x 94 x 235 cm. Cortesia Museo Nacional de Bellas Artes, Havana. © Los Carpinteros. ***Havana Country Club***, 1994. Madeira entalhada e óleo sobre tela, 183 x 245 cm. Coleção Berezdivin, San Juan, Porto Rico. © Los Carpinteros.
- p.9 - *La Yunta***, 1992. Madeira, óleo sobre tela e corda, 62 x 110 x 11 cm. Cortesia coleção Alicia Rodríguez Alvisa, Havana. © Los Carpinteros.
- p.10 - *Aves endémicas***, 1991. Madeira e óleo sobre tela, 23 x 25 x 66 cm / 60 x 23 x 23 cm. Cortesia coleção Alexandre Arrechea. © Alexandre Arrechea y Dagoberto Rodríguez.
- p.13 - *S/T*** (proyecto de trabajo sobre la pared sobre la cual serán adosados algunos objetos que construiremos), 1996. Aquarela sobre papel, 57 x 76 cm. © Los Carpinteros.
- p.14 - *Focsa***, 2002. Aquarela sobre papel, 255 x 154 cm. Coleção Andréa e José Olympio Pereira, São Paulo, Galeria Fortes Vilaça. © Los Carpinteros.
- p.15 - *Bunker (Sombrillas azules III)***, 2013, (detalhe). Aquarela em papel, 100x199cm. Cortesia Galeria Fortes Vilaça. © Los Carpinteros.
- p.16 - *Podgaric Lego***, 2012. Aquarela sobre papel, díptico, 199.6 x 227 cm. Coleção particular. © Los Carpinteros. ***El Gran Picnic***, 2008. Aquarela sobre papel, 114.5 x 222.5 cm. Cortesia UBS Art Collection. © Los Carpinteros.
- p.17 - *Sin título***, 1996 Aquarela sobre papel 61 x 92 cm Coleção Craig Robins, Miami Beach © Los Carpinteros
- p.18 - *Casa de las tazas***, 2016, (detalhe). Taças de chá, dimensões variáveis. © Los Carpinteros. ***Campamento provisional***, 1997. Lápis de aquarela e aquarela sobre papel, 76.5 x 56.5 cm. © Los Carpinteros.
- p.19 - *Trash - Shopping Cart***, 2008. Aço cromado e plástico, 115 x 55 x 82 cm. Cortesia Sean Kelly Gallery, New York. Edouard Malingue Gallery, Hong Kong. © Los Carpinteros.
- p.20 - *El Gran Picnic***, 2008. Aquarela sobre papel, 114.5 x 222.5 cm. Cortesia UBS Art Collection. © Los Carpinteros.
- p.21 - *Dos Camas***, 2008. Colchões, travesseiros, fronhas e ferro, 90 x 240 x 280 cm. Galeria Fortes Vilaça. © Los Carpinteros
- p.22 - *Cuatro guitarras***, 2015. Violões acústicos, dimensões variadas. Galeria Fortes Vilaça. © Los Carpinteros.
- p.23 - *Cuarteto***, 2011, (detalhe). Madeira pintada, metal e bronze cromado. Coleção particular. Comodato, Musée d'art contemporain de Montréal, Quebec, Canadá. © Los Carpinteros.
- p.24 - *Alto Parlante*** - Sierra Maestra, 2007. Aquarela sobre papel 132 x 171 cm. Galeria Fortes Vilaça. © Los Carpinteros.
- p.25 - *Rediseño de Cárcel con Comedor Central***, 2007, (detalhe). Aquarela, lápis e botões de madeira sobre papel, 122.5 x 218 cm. © Los Carpinteros. ***Babel***, 2001-2006. Cildo Meireles, 200 cm circunferência x 500 cm altura. Foto: Pat Kilgore.
- p.26 - *Celosía Poliédrica Flotante***, 2015. Aquarela sobre papel, díptico, 199.5 x 226 cm. Cortesia Sean Kelly, New York. © Los Carpinteros.
- p.27 - *Ciudad Transportable***, 2000, (detalhe). Nylon, alumínio e zippers, diversas dimensões. Cortesia University of South Florida Collection. © Los Carpinteros. ***Casco de Bicicleta***, 2008. Aquarela sobre papel, 114.5 x 203 cm. Cortesia coleção Hong-Lee. © Los Carpinteros



BIBLIOGRAFIA

Textos publicados no catálogo da exposição "Los Carpinteros: Objeto Vital"

Los Carpinteros: Objeto Vital, por Rodolfo de Athayde. *Primeiro olhar, depois medir, logo (des)construir: Articulações críticas em uma poética do objeto* por Suset Sánchez. *Los Carpinteros e a desconstrução dos dispositivos* por Luisa Duarte. *Trabalho de Conclusão de Curso* por Dagoberto Rodríguez Sánchez, Alexandre Arrechea Zambrano, Marco A. Castillo Valdés. *E ganhamos nome*. Entrevista com Los Carpinteros.

Ensaios disponíveis no Site Oficial: www.loscarpinteros.net

Los Carpinteros: Desmontando el Mundo por Paulo Herkenhoff. Publicado en Los Carpinteros Handwork - Constructing the World. Thyssen-Bornemisza Art Contemporary. Verlag der Buchhandlung Walther König, Köln 2010. *Dibujo como Trabajo* por Laura Hoptman.

Textos publicados no catálogo da exposição "Los Carpinteros - Silence Your Eyes"

Síntesis de lo desigual por Ute Stuffer. *La inestabilidad de las cosas - Los Carpinteros y la dialéctica del contenedor* por Roland Meyer.

Uncle Andy's

James Warhola. Publisher: Puffin Books

Patrocínio
Banco do Brasil

Realização
Centro Cultural Banco do Brasil

Projeto Educativo
Sapoti Projetos Culturais

Coordenação-geral
Daniela Chindler

Coordenação-geral de Produção
Flavia Rocha
Gabriela da Fonseca

Consultoria em Artes Visuais
Camila Oliveira

Consultoria em Acessibilidade
Fabiana Martelotte

Estágio em Museologia
Daniela Ejzykowicz

Coordenação Administrativa
Fernanda Galvão
Simone Vieira



**PROGRAMA
CCBB EDUCATIVO
AÇÕES MEDIADAS**

Coordenação Pedagógica
Karen Montija

Consultoria em Artes Visuais
Tadeu Mourão

**Assistência de
Coordenação Pedagógica**
Izabela Mariano

Coordenação de Produção
Natália Salles

Estágio de Produção
Eduardo Cotarelli
Fabiola Ortiz

Educadores Graviola
Beatriz Barros
Bruna Emiliano
Bruno Ramos
Lucas Cominato
Luana Oliveira

Intérprete de Libras
Anne Magalhães

Estagiários
Alexandre Taiki
Francisco Terçaroli
Gabriel Presto
Gabriela Bertelli
Gustavo Braunstein
Jéssica Mancini
Jéssica Policastri
Letícia Galindo

**ALMANAQUE
FAZEDORES DE FORMAS**

Redação
Daniela Chindler

Pesquisa
Camila Oliveira
Daniela Chindler
Daniela Ejzykowicz

Colaboração
Fabiana Martelotte
Gabriela da Fonseca
Giulia Buratta
Izabela Mariano

Revisão
Marcela Lima

Projeto Gráfico
Gabriel Victal



LIVRE PARA TODOS OS PÚBLICOS

EXPOSIÇÃO

**Los Carpinteros:
Objeto Vital**

30 de julho a
12 de outubro de 2016

Produção
Arte A Produções

Curadoria
Rodolfo de Athayde

Coordenação-geral
Ania Rodríguez

Gerenciamento de Projeto
Jennifer McLaughlin

Direção de Montagem
Karen Ituarte

CCBB SÃO PAULO
Rua Álvares Penteado, 112
Centro - SP

Informações
(11) 3113-3651/3652
bb.com.br/cultura

Agendamento de grupos
(11) 3113-3649

SAC 0800 729 0722
Ouidoria BB 0800 729 5678
Deficiente auditivo ou de fala
0800 729 0088

Alvará de Funcionamento
nº 2015/12479-00
(Em renovação)

Auto de Vistoria do Corpo
de Bombeiros nº 230346
(Validade: 20/03/2017)

 @ccbb_sp

 /ccbbsp

 /ccbbsp

Educativo

Produção

Realização



SAPOTI

art
produções



MINISTÉRIO DA
CULTURA

